

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Thainá Apolinário Pinto

**A CHEGADA DE BEBÊS NASCIDOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 À  
CRECHE**

Sorocaba

2023

Thainá Apolinário Pinto

**A CHEGADA DE BEBÊS NASCIDOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 À  
CRECHE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas e Biológicas da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, para obtenção do título/grau de licenciada em Pedagogia.

Orientação: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi

Sorocaba

2023

Apolinário, Thainá P.

A chegada de bebês nascidos durante a pandemia de COVID-19 à creche / Thainá P. Apolinário -- 2023.  
51f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,  
campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Lucia Maria Salgado dos Santos

Banca Examinadora: Maria Walburga dos Santos,  
Andréia Regina de Oliveira Camargo

Bibliografia

1. Educação Infantil. 2. Acolhimento. 3. Bebês. I.  
Apolinário, Thainá P.. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática  
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -  
CRB/8 6979



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - CCPedL-So/CCHB  
Rod. João Leme dos Santos km 110 - SP-264, s/n - Bairro Itinga, Sorocaba/SP, CEP 18052-780  
Telefone: (15) 32295978 - <http://www.ufscar.br>

DP-TCC-FA nº 16/2023/CCPedL-So/CCHB

Graduação: Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Curso

Folha Aprovação (GDP-TCC-FA)

FOLHA DE APROVAÇÃO

THAINÁ APOLINÁRIO PINTO

A CHEGADA DE BEBÊS NASCIDOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 À CRECHE

Trabalho de Conclusão de Curso

Universidade Federal de São Carlos – campus Sorocaba

Sorocaba, 10 de abril de 2023

ASSINATURAS E CIÊNCIAS

| Cargo/Função      | Nome Completo  |
|-------------------|--|
| Orientadora       | Prof.ª Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi, Dr.ª |
| Membro da Banca 1 | Prof.ª Maria Walburga dos Santos, Dr.ª               |
| Membro da Banca 2 | Prof.ª Andréia Regina de Oliveira Camargo, Dr.ª      |



Documento assinado eletronicamente por **Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi, Professor(a)**, em 10/04/2023, às 18:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria Walburga dos Santos, Professor(a) Efetivo(a)**, em 10/04/2023, às 21:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufscar.br/autenticacao>, informando o código verificador 1001611 e o código CRC 99C69E06.

Referência: Caso responda a este documento, indicar expressamente o Processo nº 23112.011259/2023-19

SEI nº 1001611

Modelo de Documento: Grad: Defesa TCC: Folha Aprovação, versão de 02/Agosto/2019

DocuSigned by:  
Andréia R. O. Camargo

Prof.ª Andréia Regina de Oliveira Camargo, Dr.ª

Dedico este trabalho para toda minha família, mãe, pai e amigos.  
A eles minha eterna gratidão por sempre me permitirem sonhar e ir além.

## AGRADECIMENTO

À Deus, por sua infinita misericórdia e amor; por me sustentar e dar forças para continuar quando ninguém mais podia. Obrigada por ouvir minhas orações e nunca me desamparar.

À meu pai e minha mãe que dedicaram parte de suas vidas para cuidar, amar e orientar meu caminho. Obrigada pelas orações, pelo colo quando precisei, e por nunca me deixarem só.

À todos meus familiares que de várias maneiras, desde minha infância, contribuíram para que eu chegasse até aqui.

Aos meus pastores e líderes que sempre me apoiaram, dando suporte, cobertura espiritual, amor e carinho.

À minha Psicóloga Miriam Alves, que durante os momentos mais desesperadores, segurou minha mão, me trouxe para a realidade e disse que ia dar tudo certo.

Às minhas amigas da vida, colegas de turma, e parceiras de lanche, Naara, Luana e Ana Luiza, obrigada por fazerem desses anos incríveis e nunca desistiram de mim.

À minha orientadora Dr.<sup>a</sup> Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi, que durante os seis anos do curso de Licenciatura em Pedagogia e também neste trabalho, pacientemente me acolheu, não me deixou desistir e me ensinou tanto. A você minha admiração, gratidão e respeito.

À Dr.<sup>a</sup> Maria Walburga dos Santos e Dr.<sup>a</sup> Andréia Regina de Oliveira Camargo por se disporem a avaliar o trabalho e tornarem esse momento de troca tão rico.

À todos meus professores e professoras, desde o *parquinho* até a faculdade, que inspiraram minha caminhada até aqui; e ao secretário do curso de Pedagogia, Celso Pessôa, por sempre me ajudar.

Às minhas colegas de profissão, que sempre me acolhem, dividem seus conhecimentos e me ajudam com muito amor.

À todos, minha eterna gratidão, por tornarem meu sonho em realidade.

“(…). Se tu queres um amigo, cativa-me!

– Que é preciso fazer? Perguntou o principezinho.

– É preciso ser paciente, respondeu a raposa. Tu te sentarás primeiro um pouco longe de mim, assim, na relva. Eu te olharei com o canto do olho e tu não dirás nada. A linguagem é uma fonte de mal-entendidos. Mas, cada dia, te sentarás mais perto...

No dia seguinte o principezinho voltou.

– Teria sido melhor voltares à mesma hora, disse a raposa. Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três eu começarei a ser feliz. Quanto mais a hora for chegando, mais eu me sentirei feliz. Às quatro horas, então, estarei inquieta e agitada: descobrirei o preço da felicidade! Mas se tu vens a qualquer momento, nunca saberei a hora de preparar o coração.... É preciso ritos. ”

**O Pequeno Príncipe**

Antoine de Saint-Exupéry

Trechos do capítulo XXI

## RESUMO

APOLINÁRIO, Thainá P. A chegada de bebês nascidos durante a pandemia de COVID-19 à creche. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2023.

O presente trabalho aborda aspectos relacionados ao momento de chegada de bebês à creche, aqui entendido como período de tempo destinado ao acolhimento e à adaptação, após a pandemia do COVID-19. Ele nasceu da inquietação e da curiosidade em saber como estava sendo a adaptação nas creches de bebês que viveram o isolamento social; se havia diferenças no processo e se eles apresentavam características próprias devido ao isolamento. Para alcançar tal objetivo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e elaborado um questionário que foi respondido por duas professoras da Educação Infantil. O trabalho está dividido em quatro momentos principais, sendo eles: o Memorial, a Metodologia, o Quadro Teórico, que apresenta o contexto histórico da pandemia, a chegada à creche e a escuta infantil, e a Análise de Dados que revela que existem diferenças nos comportamentos de bebês que viveram o contexto do isolamento social e somente depois entraram na creche e, por consequência, diferenças nos seus processos de adaptação à escola de infância. O estudo apresenta a importância de um acolhimento planejado junto às famílias para uma melhor adaptação e isso inclui a escuta sensível ao que os bebês dizem, verbalmente ao não, para que suas vontades sejam respeitadas da melhor maneira possível.

Palavras-chave: Educação Infantil; Acolhimento; Bebês; Escuta infantil; Pandemia.

## **ABSTRACT**

APOLINÁRIO, Thainá P. The arrival of babies born during the COVID-19 pandemic to daycare centers. 2023. Undergraduate thesis (Licenciatura in Pedagogy) – Federal University of São Carlos *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2023.

The present paper addresses aspects related to the time of arrival of babies to daycare centers, understood here as a period of time for reception and adaptation, after the pandemic of COVID - 19. It arose from the curiosity to know how the adaptation in daycare centers was being done for babies who had lived through social isolation; if there were differences in the process and if they presented their own characteristics due to isolation. To reach this goal, a bibliographic research was carried out and a questionnaire was elaborated and answered by two kindergarten teachers. The work is divided into four main moments, which are: the Memorial, the Methodology, the Theoretical Framework, which presents the historical context of the pandemic, the reception in the daycare and child listening, and the Data Analysis revealing that there are differences in behavior of babies who lived in the context of social isolation and only then entered the daycare center and consequently, differences in their processes of adaptation to childhood school. The study presented the importance of a planned welcoming with the families for a better adaptation, and this includes a sensitive listening to what the babies say, verbally or not, so that their wishes are respected in the best possible way.

**Keywords:** Earlychildhood education; Reception; Babies; Child listening; Pandemic.

## LISTA DE TABELAS

|  |    |
|--|----|
| Tabela 1 – Levantamento bibliográfico na Scientific Eletronic Library Online .....   | 22 |
| Tabela 2 – Levantamento bibliográfico no Repositório Institucional da UFSCar –<br>RI-UFSCar.....                                   | 24 |
| Tabela 3 – Levantamento bibliográfico no Portal da Biblioteca Digital de Teses<br>e Dissertações da Universidade de São Paulo..... | 24 |
| Tabela 4 – Perguntas do questionário .....   | 42 |

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO .....  | 13 |
| 2 CAPÍTULO I. Memorial.....                                 | 15 |
| 3 CAPÍTULO II. Metodologia.....                             | 21 |
| 4 CAPÍTULO III. Quadro Teórico.....                         | 26 |
| 4.1 Contexto histórico – social da pandemia.....            | 26 |
| 4.2 A chegada à creche .....                                | 28 |
| 4.3 A escuta dos bebês na pesquisa.....                     | 34 |
| 5 CAPÍTULO IV. Análise dos dados.....                       | 41 |
| 6 Considerações finais.....                                 | 46 |
| 7 REFERÊNCIAS.....  | 48 |
| APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido..... | 51 |

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscou responder à seguinte questão-problema: “Como está sendo a chegada à creche de bebês nascidos durante à pandemia de COVID-19?”, ou seja, a epidemia causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2), que a partir de março de 2020 foi classificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como pandemia e até o dia 4 de abril de 2023, teve 676. 609. 955 casos confirmados em 228 países e territórios, com 6. 881. 955 mortes atribuídas à doença, tornando-se uma das mais mortais da história.<sup>1</sup> Não posso deixar de proferir minhas sinceras condolências a todas as famílias e crianças que perderam algum ente querido durante este período e aos profissionais da saúde que se arriscam todos os dias. Meu respeito e gratidão.

O objetivo de investigar como está sendo a chegada dos bebês às creches relacionada a este período é ligada à uma inquietação e curiosidade de saber se houve alguma alteração na fase de acolhimento de bebês que viveram o isolamento social, convivendo na maior parte dos seus dias com os seus familiares e/ou pessoas cuidadoras em ambientes domésticos.

A chegada à creche – aqui entendida como o período de tempo destinado ao acolhimento e à adaptação –, é um momento singular, delicado e complexo da vida das crianças quando entram nas escolas da infância, marcando também famílias e profissionais da Educação. É uma fase que solicita planejamento específico do ambiente, de um repensar da rotina em função da chegada das crianças a um ambiente estranho que pode ser causador de grande desconfiança e, por isso, surgiu a indagação: as práticas utilizadas antes da pandemia para o acolhimento funcionam da mesma forma com bebês e crianças pequenas que nasceram e viveram seus inícios em contexto de isolamento social?

O tema surgiu durante minhas reflexões no isolamento de 2020, quando em momentos de solidão, percebi com maior intensidade que não fomos feitos para viver sozinhos, e sim em comunidade. Sempre fui curiosa em relação ao período de acolhimento e adaptação nas escolas, pois é um período que vivemos todo início de ano, porém sendo pouco comentado nos momentos de formação na escola. O que eu ouvia eram sempre coisas assustadoras, como por exemplo que este é um momento de muito estresse, choro e cansaço para os(as) professores(as). Eu não havia ainda passado por essa experiência<sup>2</sup> e não sabia ao certo como funciona um período de adaptação.

---

<sup>1</sup> Dados do Worldometer [www.worldometers.info](http://www.worldometers.info)

<sup>2</sup> Em 2020 passei pelo “Estágio Supervisionado I: Educação Infantil” durante o Ensino Emergencial Não- Presencial (ENPE) do curso de licenciatura em Pedagogia. Por ser online, tive pouco contato com as crianças.

Em 2023 tive a oportunidade de acompanhar uma turma de Infantil 3 desde o início. A maioria das crianças desta turma é nascida em 2019 e já havia frequentado a escola anteriormente. Mesmo assim, estavam com dificuldades em se adaptar à rotina escolar após as férias, então fiquei refletindo como estava sendo para a geração nascida em pandemia, que teve pouco contato com o mundo social, indagando se estavam se adaptando com no mesmo tempo que turmas anteriores, se possuíam alguma característica específica decorrente do período pandêmico e como era a relação com as famílias, uma parte muito importante nessa relação, como afirma Amorim:

Nesse sentido, compreendemos que o ingresso na creche implica que os pais confrontem-se com toda uma malha de significações próprias da cultura em que estão inseridos e por aquelas construídas ao longo de sua própria história de vida. Ao mesmo tempo, a inserção na creche implica que bebês e familiares passem a encontrar-se imersos em um novo meio físico, social, ideológico e simbólico. Esse novo contexto irá propiciar novos contatos e experiências, além de capturar, confrontar e criar continuamente novos significados, promovendo novos recursos pessoais. (AMORIM et al, 2000, p. 122)

Por ser um tema recente – “A chegada de bebês nascidos durante a pandemia de COVID – 19 à creche” –, quando iniciei o levantamento bibliográfico nas plataformas Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo e o Repositório Institucional da UFSCar – RI-UFSCar, pouco foi encontrado sobre o assunto. Assim, fui em busca de temas relacionados, tais como a adaptação, pandemia e a escuta infantil.

A fim de enriquecer meus dados de pesquisa, reuni relatos próprios do que vivi durante meu estágio na Educação Infantil e realizei um questionário com duas professoras de Educação Infantil buscando conhecer melhor são as relações construídas entre a creche, o bebê (entre 2 e 3 anos de idade) e também as famílias, durante o período de acolhimento na creche pós pandemia de COVID-19. Com isto, o trabalho encontra-se organizado em quatro momentos principais, sendo eles: o Memorial, a Metodologia, o Quadro Teórico, que apresenta o contexto histórico da pandemia, a chegada à creche e a escuta infantil, e a Análise de Dados das respostas das professoras participantes.

## 2. CAPÍTULO I. Memorial.

Dou início a este memorial com o coração cheio de alegria e gratidão, por finalmente ter chegado até este momento da jornada, depois de tantos desafios, medos, dúvidas e muito choro. Por muitas vezes pensei que nunca conseguiria chegar ao fim, mas estou concluindo o curso de Licenciatura em Pedagogia, sentindo certeza de que estou no caminho certo, tendo escolhido a profissão certa para mim.

Meu nome é Thainá Apolinário Pinto, com 22 anos no momento da escrita deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), nasci e cresci na cidade de Sorocaba, no interior de São Paulo, em meio a uma família que ama estar junto. Nos primeiros meses de vida, meus pais moravam no apartamento do meu avô materno, e logo depois se mudaram para uma casinha no quintal da minha avó paterna, então, mesmo sendo filha única, nunca estive sozinha: tinha primos, primas, tios, tias por todos os lados.

Morei até os 9 anos em Sorocaba, onde fiquei 1 ano no CEI 51 (Centro de Educação Infantil), e a partir do 1º ano do Ensino Fundamental, fui para rede privada; me mudei com os pais para Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, onde por 2 anos estudei em uma escola Cristã, e em seguida nos mudamos para o Rio de Janeiro/RJ, onde ficamos por quase 3 anos antes de voltar para Sorocaba. Todas essas mudanças acabaram por me tornar uma criança e uma adolescente introvertida, de poucos amigos, pois tinha medo de fazer grandes amizades e precisar mudar de cidade.

Voltando para Sorocaba, muitas coisas tinham mudado. Quando fomos à igreja descobri que eu já não conhecia mais ninguém e para tentar me enturmar novamente, entrei no Ministério Infantil. Lá eu ficava no berçário durante os cultos e, com isso, minha paixão pela educação começou a aflorar.

No final do Ensino Médio, não fazia ideia do que escolher como profissão. Como grande parte da minha turma prestou vestibular para Direito em uma faculdade particular junto com a participação no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), resolvi fazer também vestibular para o curso de Direito e passei. Após um mês de aulas neste curso, as notas do ENEM saíram e eu resolvi, de maneira descontraída, colocar minha nota no Sistema de Seleção Unificada (SISU), que é o sistema informatizado do Ministério da Educação (MEC), no qual instituições públicas de ensino superior oferecem vagas para candidato (as) participantes do ENEM.

Na ocasião, fiz a escolha por Administração, pois é um curso que contempla várias áreas, mas a nota não atingiu o corte. Lembrei da minha professora de matemática falando que

tinha certeza que eu seria uma ótima engenheira, então tentei Engenharia, que também não deu certo. A todo momento o curso de Pedagogia aparecia na minha mente e eu tentava fugir, pois na família já tínhamos Pedagogas, como minha Vó paterna, e minha tia materna. O pensamento firme nas crianças da igreja e o quanto seria especial poder trabalhar com crianças de várias idades, fez com que eu incluísse meu nome para tentar uma vaga em Pedagogia.

Felizmente fui aprovada! Ainda cursando Direito no período diurno, realizei minha matrícula no curso de licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) *campus* Sorocaba. E por dois anos consegui fazer ambos os cursos, quando em 2020, decidi trancar um para começar a estagiar. Decidi pausar o Direito, pois mesmo tentando negar, já não me identificava mais com o curso.

Em março comecei a estagiar em uma escola municipal de Sorocaba, entretanto após três semanas do início dessa experiência, a COVID-19 já estava por todo lugar. Na semana seguinte, com um mês de estágio, fui obrigada a deixar a sala de aula. A UFSCar suspendeu as aulas também, e diante deste cenário, senti desespero. Tentei voltar para faculdade de Direito, pois estavam tendo aulas on-line, porém já não era mais possível fazer a rematrícula.

Em um dos dias que a pandemia do COVID-19 estava no auge de contaminação, estava olhando alguns álbuns de fotos e lembrando bons momentos entre amigos fazendo *posts* no Instagram, quando me deparei com uma família comemorando o 1º ano de vida de seu filho. Na foto era possível observar a presença de somente as três pessoas da família e um bolo feito em casa. Diante desta imagem, refleti sobre quão solitária a situação me pareceu, e qual seria a reação daquele bebê quando estivesse fora de casa, em meio a outras pessoas ou até mesmo em meio de maior quantidade de seus familiares.

Essa inquietude ficou guardada em um cantinho de mim, enquanto segui minha vida. Em agosto de 2020 eu e meus pais fomos morar no Rio de Janeiro – RJ e estando em um ambiente de praia e muito ar livre, pude observar algumas diferenças se comparadas às situações do interior de São Paulo. Todos os dias de manhã cedinho e aos fins de tarde, era possível ver vários carrinhos de bebês na orla da praia, alguns bebês brincando na areia, outros com os pais empurrando o carrinho numa corrida. Apesar do decreto de distanciamento, sempre havia encontros de mães, pais ou babás conversando enquanto as crianças brincavam.

Diante desse cenário, a curiosidade do início da pandemia voltou, porém com uma dúvida a mais: será que alguma família está de fato em total isolamento por todos esses meses? Será que há famílias com bebês e crianças sem nenhum contato físico/presencial com familiares e pessoas amigas, sem ir à praia, sem levar as crianças a um jardim, um parque ou outro espaço externo? Será que as famílias vivendo 100% do tempo dentro de casa estão conseguindo criar

oportunidades de experiências para os bebês e crianças pequenas, com música, danças, desenhos, pinturas, contato com elementos da natureza? As crianças em isolamento estariam passando seus dias com menos experiências culturais e artísticas? Com essa inquietude, em 2021 dei início a essa pesquisa com o levantamento bibliográfico. Tendo em vista ser um tema muito recente, a falta de artigos sobre este tema se revelou logo como um grande desafio.

Em setembro de 2021 tive uma oportunidade durante o curso de Licenciatura, ministrado todo de modo virtual naquele momento, de refletir melhor sobre o papel das experiências estéticas na nossa formação e de novo pensar sobre o isolamento social nas vidas dos bebês que nasciam durante a pandemia. Lemos e discutimos sobre um artigo de Luciana Ostetto (2018) no qual ela narra sobre experiências culturais que contribuíram com a ampliação de seus repertórios artístico-culturais e fomos convidadas pela professora de Arte a escrever nossas memórias artísticas.

Quando esse memorial foi proposto, confesso que fiquei nervosa, pois nunca me vi como alguém artística ou com influências culturais. Nada me parecia bom o suficiente para ser registrado, até que respondi às questões da avaliação diagnóstica e várias memórias vieram. Eu estava em meio a 15 dias muito difíceis. Fiquei sozinha em casa, pois minha mãe estava internada no hospital com Covid-19 e meu pai a estava acompanhando. Eu não era autorizada a visitá-la e durante um dos meus momentos de choro, por causa da saudade e de preocupação, me veio a memória um fato ocorrido em meu primeiro ano na escola. Escrevi um relato sobre ele na avaliação diagnóstica da disciplina de Arte, de quando eu tinha 4 anos. Era data comemorativa, do Dia das Mães, e da mesma forma que em 2021, no passado em 2005 eu estava momentaneamente sem a presença da minha mãe.

Minha mãe trabalhava o dia inteiro e de noite ia para a faculdade, então eu passava a maior parte do dia com a minha tia. Ficou combinado na escola que ia ser realizado uma atividade com as mães no período da tarde. Como minha mãe não iria, minha tia foi. A atividade consistia em pintar um guardanapo de pano com uma estampa de flores. Minha mãe conseguiu chegar no meio do evento. Minha tia me pegou no colo, ficou segurando uma das minhas mãos e com a outra mão eu segurava a minha mãe enquanto ela terminava a pintura. Esse momento me marcou muito, pois eu sentia que estava com as duas pessoas que eu amava e que cuidavam de mim juntas, fazendo algo especial para celebrar esse cuidado. Minha mãe guarda até hoje esse guardanapo.



**Figura 1:** Guardanapo de pano do Dias das Mães, 2005. Fonte: acervo da autora

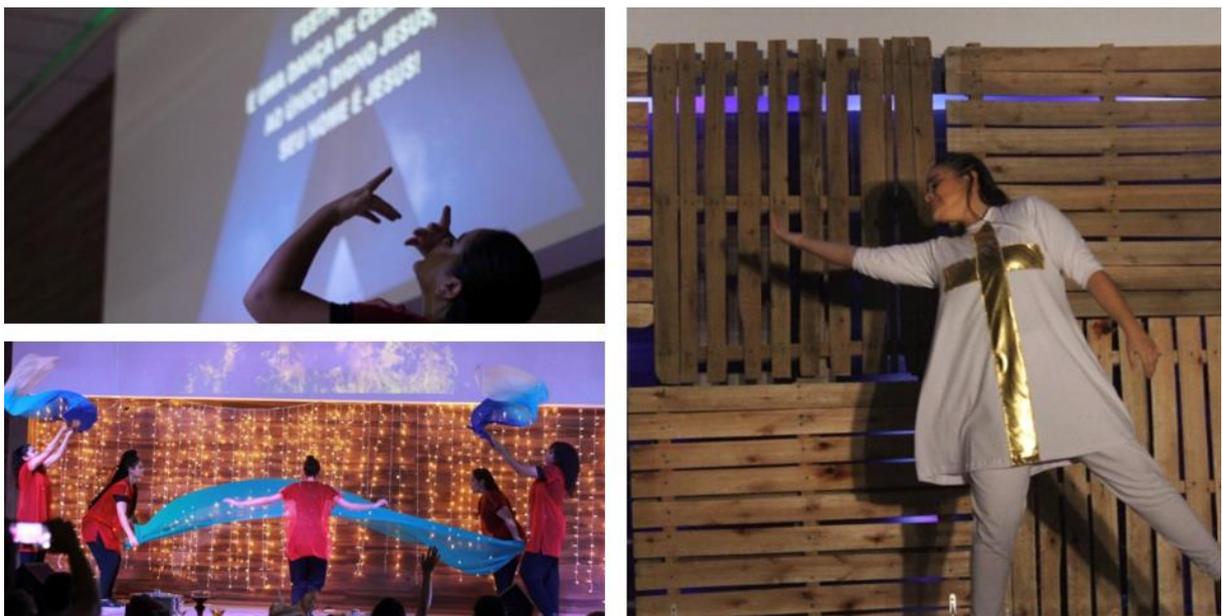
Quando eu era criança, meu Avô materno tinha uma fita VHS do Rei Leão, eu e minha prima assistíamos o tempo inteiro esse filme. Anos depois, em 2010, tive a oportunidade de viajar para fora do Brasil pela primeira vez: eu e meus pais fomos para Londres e ficamos lá por 28 dias. Foi uma das experiências mais ricas que eu tive, por ter contato com outra língua, descobrir que existiam outros lugares além de São Paulo (por algum motivo, eu achava que o mundo era dentro de São Paulo) cheios de culturas diferentes. Nessa viagem tive a chance de assistir ao musical do Rei Leão e isso foi mágico, pelo fato de que passei minha infância assistindo ao filme. Ver as personagens de forma viva bem à minha frente no teatro, sentindo cada cena de forma intensa, me transformou.



**Figura 2:** Teatro Lyceum, Londres, 2010. Fonte: acervo da autora.

Desde muito pequena tive contato com a música. Fazia musicalização na Fundação de Desenvolvimento Cultural de Sorocaba (Fundec), onde aprendi a tocar flauta e xilofoni a partir dos 8 anos de idade. Aos 11 anos estudei violão e quando adolescente fui a shows dos meus artistas preferidos, ao cinema e, quando voltei para Sorocaba, fui para a igreja que cresci para atuar no Ministério de Dança Profética.

Através da dança consigo me expressar, ouvindo a música a represento com meus próprios passos. Ao me juntar ao grupo de Dança, descobri outras paixões artísticas, como a maquiagem. Descobri que a mistura de cores permite uma criação que nos permite transmitir o que não conseguimos através dos movimentos. Maquiando a mim e a outras pessoas percebi que também tenho talento para pintar e desenhar como mais uma forma de comunicação. Percebi que as artes podem ser reinventadas de várias maneiras, em variadas combinações de desenho, escultura, pintura, escrita, música, dança, teatro e cinema e que isso tudo também constitui quem somos.



**Figura 3:** Minhas experiências de dançar. Fonte: acervo da autora.

Em março de 2022, por meio do estágio obrigatório, consegui uma vaga na rede privada para estagiar na Educação Infantil, com crianças de 2 e 3 anos que ficavam em período integral na escola e, em seguida, com uma turma de infantil 3. Nesse tempo consegui conversar mais apropriadamente com professoras que já trabalham há alguns anos na escola e observar as crianças, suas experiências, invenções, brincadeiras e interações.

Ao escrever este memorial, descobri que o motivo que me levou a querer pesquisar sobre um assunto tão recente e incerto, foi a preocupação genuína de uma mulher de 20 anos que viveu momentos de grande felicidade durante a infância, em meio a sua família, ao ar livre, rodeada de artes e que durante o estágio se deparou com crianças que não tiveram a chance de vivenciar tais momentos e, como futura Pedagoga, prestes a concluir o curso, me questionei como será o futuro desses novos seres humanos que precisam de experiências ricas, de exploração, de contato com diversas culturas e experimentação das linguagens expressivas.

Bebês que mesmo em tempos “normais” já enfrentam tantos desafios. Fiquei imaginando como se sentem tendo nascido em um momento de isolamento social, restrição de experiências e no mundo caótico e instável em que vivemos atualmente.

### 3. CAPÍTULO II. Metodologia

Para que fosse possível realizar esse trabalho, optou-se por uma pesquisa de natureza qualitativa e de caráter bibliográfico com a aplicação de um questionário para duas professoras. Segundo Minayo, pesquisa qualitativa tem por definição:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, p. 21)

A definição de Severino para pesquisa bibliográfica é:

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2014, p. 106)

Além de realizar o levantamento bibliográfico, fazer as leituras e fichamentos, foi realizada uma análise de dados de campo, com base em um questionário com 13 questões, realizado através da plataforma do Google *Forms*, com duas professoras de Educação Infantil (modelo do consentimento livre e esclarecido no Apêndice A). As entrevistadas possuem entre 26 e 55 anos, se autodeclaram como sendo uma branca e outra parda, ambas Pedagogas da rede privada.

Também são trazidas à reflexão vivências e memórias pessoais da autora durante o estágio de Educação Infantil em uma escola particular na cidade de Sorocaba. Todos os nomes apresentados nesse trabalho, tanto como os das professoras entrevistadas, quanto os das crianças relatadas, são fictícios para proteção da identidade dos sujeitos.

Foram acessadas três bases de dados para a realização do levantamento bibliográfico, sendo elas: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo e o Repositório Institucional da UFSCar – RI-UFSCar. Foram usadas as seguintes palavras-chave: adaptação AND creche, pandemia AND bebês, COVID-19 AND Brasil, Escuta Infantil e bebês AND isolamento social.

A partir dos resultados que iam aparecendo, foram selecionados os que mais se identificavam com a tema central, em algumas tabelas poderá ser observado que para certas palavras-chave foram encontrados muitos resultados, porém, foram selecionados poucos artigos para compor a pesquisa bibliográfica deste trabalho, pois houve duplicidade de produções (apareceram os mesmos trabalhos em diferentes bases de dados) ou porque os títulos das pesquisas indicavam que seus focos fugiam ao tema deste trabalho e também foi dado preferência para textos mais recentes, apesar da grande dificuldade em encontrá-los.

A proposta de tabela de registro da revisão bibliográfica, que no formato atual tem quatro colunas (sendo elas referentes a: palavra-chave; quantidade de referências encontradas no total; quantidade referências selecionadas para a pesquisa; títulos selecionados para a pesquisa) foi criada em 2012, pela Prof<sup>ra</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lucia Maria S. S. Lombardi, orientadora do trabalho, no contexto de estudos sobre metodologia de pesquisa no curso de Licenciatura em Pedagogia, sendo constantemente repensadas, modificadas e aprimoradas em discussões sobre o procedimento de levantamento bibliográfico no âmbito do Grupo de Pesquisa sobre Infância, Arte, Práticas Educativas e Psicossociais (GIAPE) e com orientandas (os).

A orientadora sugeriu a utilização deste modelo de tabela para a etapa de revisão de literatura a fim de possibilitar às leitoras e aos leitores do trabalho um acesso democrático aos critérios explícitos e sistemáticos de busca e análise do material relevante sobre o tema pesquisado nos diferentes formatos, tais como livros, artigos de periódicos, registros históricos, teses e dissertações. A sugestão de uso das tabelas foi aceita por mim, sendo os resultados apresentados a seguir.

**Tabela 1 – Levantamento bibliográfico na Scientific Eletronic Library Online**

| <b>SciELO - Scientific Electronic Library Online</b> |   |   |  |
|--|---|---|--|
| <b>Palavra-chave</b>                                 | <b>Nº de referências encontradas no total</b> | <b>Nº de referências selecionadas para a pesquisa</b> | <b>Títulos selecionados para a pesquisa</b>  |
| adaptação AND creche                                 | 9   | 3   | 1. MARTINS, Gabriela Dal Forno et al. <b>Fatores associados à não adaptação do bebê na creche:</b> da gestação ao ingresso na instituição. <i>Psicologia: Teoria e Pesquisa</i> [online]. 2014, v. 30, n. 3, pp. 241-250. Acesso em: 10 novembro 2021. Disponível em: < <a href="https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000300001">https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000300001</a> >. |

|                     |  |   |  |
|---------------------|--|---|--|
|                     |  |   | <p><b>2. PEIXOTO, Carla et al. Transição para a creche e bem-estar emocional dos bebês em Portugal.</b> <i>Psicologia Escolar e Educacional</i> [online]. 2017, v. 21, n. 3, pp. 427-436. Acesso em: 10 novembro 2021. Disponível em: &lt;<a href="https://doi.org/10.1590/2175-35392017021311168">https://doi.org/10.1590/2175-35392017021311168</a>&gt;.</p> <p><b>3. RAPOPORT, Andrea; PICCININI, Cesar Augusto. O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos.</b> <i>Psicologia: Reflexão e Crítica</i> [online]. 2001, v. 14, n. 1, pp. 81-95. Acesso em: 10 novembro 2021. Disponível em: &lt;<a href="https://doi.org/10.1590/S0102-79722001000100007">https://doi.org/10.1590/S0102-79722001000100007</a>&gt;.</p>   |
| pandemia AND bebês  | 7  | 1 | <p><b>1. SIMAS, Vanessa França; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Narrativas de uma professora de bebês: a busca por réplicas das infâncias em tempos pandêmicos.</b> <i>Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso</i> [online]. 2021, v. 16, n. 04, pp. 53-71. Acesso em: 11 novembro 2021. Disponível em: &lt;<a href="https://doi.org/10.1590/2176-457351660">https://doi.org/10.1590/2176-457351660</a>&gt;.</p>   |
| COVID-19 AND Brasil | 820<br><br>Filtros:<br>Português;<br>Brasil;<br><br>Resultados pós filtro: 348 | 3 | <p><b>1. Canabarro, Ivo dos Santos; Schonardie, Elenise Felzke e Strücker, Bianca. A resignificação do lugar e do não-lugar: considerações sobre as dimensões das ocupações dos lugares em um período de pandemia no Brasil.</b> <i>Revista de Direito da Cidade</i>. 2022, v. 14, n. 1. Acessado 14 Setembro 2022, pp. 1-26. Disponível em: &lt;<a href="https://doi.org/10.12957/rdc.2022.54911">https://doi.org/10.12957/rdc.2022.54911</a>&gt;. Epub 05 Ago 2022. ISSN 2317-7721. <a href="https://doi.org/10.12957/rdc.2022.54911">https://doi.org/10.12957/rdc.2022.54911</a>.</p> <p><b>2. Previtali, Fabiane Santana e Fagiani, Cílon César. Trabalho docente na educação básica no Brasil sob indústria 4.0.</b> <i>Revista Katálisis</i> [online]. 2022, v. 25, n. 1 [Acessado 14 Setembro 2022], pp. 156-165. Disponível em: &lt;<a href="https://doi.org/10.1590/1982-0259.2022.e82504">https://doi.org/10.1590/1982-0259.2022.e82504</a>&gt;. Epub 10 Jan 2022.</p> |

|  |  |  |  |
|--|--|--|--|
|  |  |  | <p>ISSN 1982-0259.<br/> <a href="https://doi.org/10.1590/1982-0259.2022.e82504">https://doi.org/10.1590/1982-0259.2022.e82504</a>.</p> <p>3. Lima, Cássio de Almeida et al. <b>Adesão ao isolamento social na pandemia de Covid-19 entre professores da educação básica de Minas Gerais, Brasil.</b> Saúde em Debate [online]. 2022, v. 46, n. spe1 [Acessado 14 Setembro 2022] , pp. 181-193. Disponível em: &lt;<a href="https://doi.org/10.1590/0103-11042022E112">https://doi.org/10.1590/0103-11042022E112</a><br/> <a href="https://doi.org/10.1590/0103-11042022E112I">https://doi.org/10.1590/0103-11042022E112I</a>&gt;. Epub 11 Abr 2022. ISSN 2358-2898. <a href="https://doi.org/10.1590/0103-11042022E112">https://doi.org/10.1590/0103-11042022E112</a>.</p> |
|--|--|--|--|

**Tabela 2 - Levantamento bibliográfico no Repositório Institucional da UFSCar – RI-UFSCar**

| <b>Repositório Institucional da UFSCar – RI-UFSCar</b> |   |   |  |
|--|---|---|--|
| <b>Palavra-chave</b>                                   | <b>Nº de referências encontradas no total</b> | <b>Nº de referências selecionadas para a pesquisa</b> | <b>Títulos selecionados para a pesquisa</b>  |
| pandemia AND bebês                                     | 30  | 1   | 1. ABREU, Raissa Wanderley Ferraz de. Capacidades motoras e participação em casa de lactantes de risco biológico no primeiro ano de vida: impacto de fatores ambientais considerando a pandemia de COVID-19. Repositório Institucional UFSCar [online], Teses e dissertações, 2021. Acesso em: 15 novembro 2021. Disponível em: < <a href="https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14953">https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14953</a> >. |
| Escuta infantil  | 117   | 1   | 1. CAMARGO, Gabrielle Augusta Silva de. <b>Documentação pedagógica enquanto um exercício de sensibilização:</b> do protagonismo das crianças ao olhar atento do educador. Repositório Institucional UFSCar [online], TCC, 2019. Acesso em: 15 novembro 2021. Disponível em: < <a href="https://repositorio.ufscar.br/handle/Ufscar/13896">https://repositorio.ufscar.br/handle/Ufscar/13896</a> >.   |

**Tabela 3 – Levantamento bibliográfico no Portal da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo**

| <b>Portal da Biblioteca<br/>Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo</b> |  |   |  |
|--|--|---|--|
| <b>Palavra-chave</b>   | <b>Nº de referências encontradas no total</b>      | <b>Nº de referências selecionadas para a pesquisa</b> | <b>Títulos selecionados para a pesquisa</b>  |
| adaptação AND creche   | 1  | 0   |  |
| pandemia AND bebês   | 0  | 0   |  |
| COVID-19 AND Brasil  | 0  | 0   |  |
| Escuta infantil  | 25<br><br>Filtro: português; faculdade de educação | 2   | <p>1. BEZERRA, Maytê Gouvêa Coletto. <b>A qualidade da Educação Infantil na concepção de suas crianças</b>: investigando possibilidades de escuta. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. doi:10.11606/T.48.2020.tde-30112020-193802. Acesso em: 14 maio 2022.</p> <p>2. PANTALENA, Eliane Sukerth. <b>O ingresso da criança na creche e os vínculos iniciais</b>. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/D.48.2010.tde23062010-115822. Acesso em: 14 de maio de 2022</p> |

## **4. CAPÍTULO III. Quadro Teórico**

### **4.1 Contexto histórico-social da pandemia**

O tema deste trabalho surgiu devido à situação pandêmica que enfrentamos, que provocou em sua autora uma indagação quanto à chegada, aqui entendido como período de tempo destinado ao acolhimento e à adaptação, dos bebês nascidos durante a pandemia à escola da infância. Para melhor compreensão do contexto, segue um panorama geral dos acontecimentos.

O princípio do problema mundial de saúde foi em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China, onde vários casos de pneumonia foram comunicados para a Organização Mundial de Saúde (OMS); em janeiro de 2020, foi identificado como sendo um novo tipo de coronavírus (nomeado como SARS-CoV-2), responsável por causar a doença COVID-19. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia, termo usado para a distribuição geográfica de uma doença, e não sua gravidade, ou seja, naquele momento, existiam contagiados em várias regiões e países (Organização Pan-Americana de Saúde-OPAS).

Em 26 de fevereiro, o Brasil teve seu primeiro caso confirmado de SARS-CoV-2, e no mês de março, o até então Ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta, posicionou-se de acordo com as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), ao adotar o isolamento social com o objetivo de "achatar a curva", e fechar tudo que não fosse essencial, então escolas e universidades fecharam suas portas, onde algumas rapidamente se adaptaram ao modelo assíncrono e outras demoraram meses para decidir qual o primeiro passo dar diante a situação.

Diante a situação de emergência, várias normas excepcionais foram tomadas para à educação, algumas ilegais como foi o caso da Educação Infantil ao adotarem a educação à distância (EaD), Coutinho e Côco (2020) citam que foi necessário retomar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) – Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996) – para explicitar que, na Educação Infantil, a EaD não está prevista nem em casos excepcionais.

Seguindo orientações do Ministério da Educação (MEC), as secretarias estaduais começaram a exigir dos professores tutoriais de orientação para os responsáveis sobre como orientar as crianças nas atividades em casa. Todavia Previtali e Fagiani (2022) chamam nossa atenção para o fato de que muitos professores não tinham preparo nenhum para dar aulas remotas, muito menos orientar.

Destaca-se que 84% dos professores da Educação Básica pública não tinham experiência alguma com aulas remotas e houve pouca atenção dos governos em atentar para esse fato (GESTRADO, 2020). Conforme a Gestrado (2020), 53,6% dos professores das redes municipais de ensino e 24,6% dos professores das redes estaduais de ensino afirmaram não receber nenhum tipo de formação ou auxílio para o uso das tecnologias digitais. Na pesquisa realizada pela Nova Escola (BIMBATI, 2020), mais de 50% dos professores disseram não ter recebido capacitação para trabalhar com o ensino remoto. (PREVITALI e FAGIANI, 2022, p. 161).

Importante lembrar também, da realidade social de muitas casas que não possuíam internet, e caso possuísse, era pelo celular.

Importa frisar que a adoção dessa modalidade de ensino se deu num contexto em que 55,9% dos domicílios particulares no país não tem computadores e, dentre aqueles que possuem internet, 99,2% o fazem apenas pelo celular (IBGE, 2020). Vale lembrar que os professores da Educação Básica estão incluídos nesse quadro, sendo que 9 a cada 10 professores utilizam o telefone celular para a realização das aulas remotas (GESTRADO, 2020). (PREVITALI e FAGIANI, 2022, p. 160).

A jornada de trabalho desses trabalhadores também foi afetada, aumentando de forma significativa, mesmo que contra a vontade dos mesmos, incerteza e medo eram sentimentos constantes na vida dessas pessoas, em pesquisa realizada com profissionais de Minas Gerais, Lima et al (2022), mostra consequências consideráveis na saúde deles, como ansiedade, estresse e depressão.

Mesmo com muita pressão, de famílias, escolas particulares e parte do governo para volta das aulas síncronas, esse recomeço somente iniciou, em São Paulo, por volta de novembro de 2020, com muitos protocolos de distanciamento, rodízio de alunos, máscaras, álcool em gel.

O Instituto DataSenado realizou uma pesquisa sobre os impactos da pandemia na educação no Brasil, em dezembro de 2021, com brasileiros responsáveis por crianças e adolescentes em idade escolar; a partir dessa pesquisa é possível ver as dificuldades, mudanças de rotina e a falta de estrutura de alguns lares brasileiros. Em relação a socialização, os pais e responsáveis relataram um grande impacto no comportamento das crianças:

Além dos prejuízos no ensino formal, efeitos negativos também foram percebidos em questões emocionais e relacionais dos filhos (as). O contato com outras pessoas da mesma idade é muito importante para o desenvolvimento e amadurecimento das crianças e adolescentes. Por consequência, ao serem privados dessa convivência, o processo de aprendizagem dos alunos (as) sofreu um impacto bastante negativo. (INSTITUTO DATASENADO, 2021)

Para algumas crianças que já haviam estudado presencialmente, estar em isolamento era quase como um castigo, pois uma das maiores motivações para ir à escola é justamente se reunir com amigos e colegas, mas quando isso é tirado, o incentivo para estudar vai junto. Já para as crianças muito pequenas, que nunca tiveram esse tipo de socialização, e só ficaram entre familiares, o primeiro contato com a escola poderia se tornar algo muito mágico ou assustador e a adaptação longa e dolorosa para todos os envolvidos – criança, família e professores.

#### 4.2 A chegada à creche

O ser humano não foi feito para viver sozinho, pudemos sentir isso com maior propriedade durante a pandemia do COVID-19, quando buscávamos diversas maneiras de mantermos contato um com o outro, ver vídeos, fotos, *lives*, e até o extremo, de burlar a quarentena para poder se encontrar com alguém.

Viver em comunidade é fundamental para o desenvolvimento da nossa espécie. Anjos et al (2004) cita vários autores, como Rossetti-Ferreira, Amorim, & Silva, 2004; Vygotsky, 1986; Wallon, 1959a, 1959b, que reiteram essa afirmação; em relação as crianças, vemos cada vez mais interesse nessa socialização desde pequenos, com diferentes enfoques, por exemplo, a capacidade interativa das crianças na sua relação com os adultos, em especial a mãe; ou seguindo preposições piagetianas, ter um certo grau de desenvolvimento cognitivo é uma condição necessária para ter interação social (ANJOS et al, 2004).

Carvalho e Beraldo (1989) apontam a relevância desses estudos já que, em qualquer sociedade, ao longo dos primeiros anos de vida, o mundo social da criança passa a incluir contato com outras crianças. Ademais, esse contato tem ocorrido de forma cada vez mais precoce, em função de transformações sócio-econômicas e culturais, as quais têm promovido o compartilhamento da educação de crianças cada vez mais novas em ambientes coletivos do tipo creche (Amorim, Rossetti-Ferreira, & Vitória, 2000) apud (ANJOS et al, 2004, p, 514).

Qualquer tipo de adaptação é um período delicado em nossas vidas, novo trabalho, nova casa, início da faculdade etc., são etapas e lugares marcantes que levamos conosco como um momento bom ou traumatizante.

Neste sentido, o lugar é o palco da existência, é a forma como o ser humano experimenta o espaço com todos os sentidos que possui, tornando o lugar um referencial emotivo-espacial, que se transforma em um “arquivo de lembranças, de realizações que

inspiram o presente” (TUAN, 1983, p. 171). Isto é, os lugares representam os laços de pertencimento e afetividade do sujeito com o ambiente, que pode ser descrito como um sentimento de tofília<sup>11</sup> (TUAN, 1983). Evidentemente, ao estabelecer a relação do lugar às percepções próprias sobre o Outro e a vida se percebe que alguns lugares transmitem lembranças, de um passado que conforta e transmite tranquilidade e estabilidade psíquica, por outro lado, também se percebe – exacerbado no contexto pandêmico – que algumas representações de lugares causam medo, angústias e sensação de vazio. (CANABARRO et al, 2022, p. 10)

E para os bebês não é diferente quando são deslocados de seus lares, da convivência ininterrupta com suas famílias, para ir para um local estranho, com pessoas estranhas e passar ali uma grande parte de seu dia. É esperado deles uma adaptação rápida, sem choro, como se entendessem tudo, como se fosse um adulto em miniatura, com todos seus sentimentos formados, entendidos e controlados.

Moura (2021) cita Ariés (1973) ao falar sobre a “ausência da consciência da ideia da infância” e que apesar de todas as controvérsias envolvendo a pesquisa, serviu para mudar os estudos sobre a infância; com as mudanças que vivemos diariamente em nossa sociedade, não é possível continuar com os mesmos pensamentos e hábitos, e com isso um olhar numa perspectiva menos adultocêntrica em relação à criança, que antes era tratada como um adulto em formação e uma pessoa incompleta, surge (MOURA, 2021). Porém não podemos “banalizar” esse não-adulto, acreditando que por serem crianças muito pequenas, não são capazes de fazerem algo, precisam de ajuda em tudo, e não tomam decisão por si próprias:

A infância de fato, não é o período de adultização das crianças, como um processo preparatório para a vida adulta, tão pouco as crianças são sujeitos incompletos, mas a etapa de possibilidades de ser e constituir. (MOURA, 2021, p. 28)

Ao chegar à escola, o bebê já traz consigo histórias, vivências e cultura, pois vieram de famílias diversas, com formações divergentes e diferentes raças, religiões e valores. Durante minha experiência de estágio obrigatório, em uma de nossas rodas de conversa, uma criança, Joana, ficou muito frustrada por não conseguir sentar ao lado da amiga Samira, e mesmo conversando e tentando negociar alternativas, nada consolava ela que chorava e batia os pés no chão. Enquanto os outros amigos observavam, alguns em silêncio, outros tentaram oferecer alternativas como “*amanhã você senta com ela*” ou “*sentada do meu lado, daí você fica de frente pra ela*”, mas nada adiantou.

Seguindo para a atividade do dia, as crianças se sentaram diante da mesinha e Joana, ainda chorando, sentou do lado da amiga Samira, que lhe disse “*para de chorar agora! Jesus*

*fica bravo quando a gente chora por nada!*”. Outra amiga do lado logo interviu dizendo “*não, Jesus não fica bravo, Ele fica triste!*” então Samira concordou e novamente pediu que Joana parasse de chorar.

Presenciar tal situação me fez refletir sobre a diversidade de crenças que chega a cada sala de aula na escola, proveniente das famílias, e de como bebês não são telas em branco ou pedras brutas para serem lapidadas pelos(as) professores(as), elas são sujeitos pertencentes à sociedade, devemos estar disponíveis para crescer junto com eles, dando suporte, estando sensíveis para saber como mediar as várias culturas que os bebês trazem, saber quando e como interferir. Simas e Prado (2021) afirmam que somos todos seres inacabados, mas momentaneamente finalizamos momentos vividos e algo surge dessa vivência; mas não podemos dar isso como acabado, pois assim não abrimos espaço para novas experiências, para viver e aprender com o próximo, e nesse caso, o próximo é um ser pequenininho, que enxerga o mundo de maneira grandiosa.

Na escola em que eu estagiava, existe uma minifloresta na qual as crianças podem ir explorar, fazer trilhas, coletar materiais da natureza, inventar outras brincadeiras. Eu e a outra estagiária organizamos várias mesas com elementos da natureza como folhas, madeiras, flores, rochas junto a cola, pincéis, tinta, para que as crianças pudessem colar, pintar, desenhar, pensando na importância de criar ambientes e propiciar materialidades seguras e variadas para os bebês que chegam à escola. Convidamos as crianças de 2 e 3 anos do período integral a criarem uma floresta no papel. Para nossa surpresa, as crianças resolveram pegar as folhas e começar a imitar dinossauros em vez de fazer colagem. Algumas começaram com essa brincadeira e, aos poucos, as outras foram entrando no jogo. Saíram pelo espaço imitando dinossauros e não colaram nada.

A foto a seguir, e as demais que irão aparecer ao longo do trabalho, são de experiências propostas no período de acolhimento das crianças; planejadas seguindo as orientações do Parecer Nº 20 de 2009, que afirma:

As instituições de Educação Infantil precisam organizar um cotidiano de situações agradáveis, estimulantes, que desafiem o que cada criança e seu grupo de crianças já sabem sem ameaçar sua autoestima nem promover competitividade, ampliando as possibilidades infantis de cuidar e ser cuidada, de se expressar, comunicar e criar, de organizar pensamentos e idéias, de conviver, brincar e trabalhar em grupo, de ter iniciativa e buscar soluções para os problemas e conflitos que se apresentam às mais diferentes idades, e lhes possibilitem apropriar-se de diferentes linguagens e saberes que circulam em nossa sociedade. (BRASIL, 2009, p. 9)

Diante disto, as ações pedagógicas e os espaços eram estruturados como convites para que os bebês pudessem vivenciar os ambientes novos para eles, com experiências de cores, cheiros e texturas, que os fizessem sentir acolhidos.



**Figura 4.** Mesa preparada com elementos da natureza para os bebês criarem suas colagens. Fonte: Arquivo pessoal da autora

Uma outra proposta que criamos foi com material de baixo custo, que eram tampinhas de garrafa plástica, imaginando que os bebês iriam colocá-las dentro dos potes, já que disponibilizamos pegadores sobre a mesa. Novamente foi uma ação que as crianças modificaram, pois elas brincaram de esconder as tampinhas debaixo dos potes, ir embaralhando e brincando de misturar potes vazios com potes cheios de tampinhas. Professores(as) planejam da melhor forma os ambientes, levando em consideração o que pode ser atrativo para as crianças que chegam para o processo de adaptação, porém a escolha pela criança do que ela deseja fazer, deve ser o que prevalece.



**Figura 5:** Transferência de tampinhas. Fonte: Arquivo pessoal da autora

Um outro aspecto importante ligado a este, é a comunicação com as famílias para se conhecer melhor o bebê, saber do que ele gosta, o que gosta de fazer, de comer, de brincar, do que não gosta. Rapoport e Piccinini (2001) em um levantamento feito em Porto Alegre observaram que poucas educadoras consideram a importância do relacionamento com as famílias no período de acolhimento. Em grande parte das creches esta prática facilitadora de acolhimento e uma adaptação com mais sucesso não é adotada (RAPOPORT e PICCININI, 2001, p. 86).

Em sua pesquisa, Martins et al (2014), afirma que o sentimento de culpa que os pais sentem ao observar as reações, o choro principalmente, afetam diretamente a não adaptação do bebê.

Os resultados do presente estudo também revelaram que, quanto mais intensas as reações da criança após o ingresso na creche, mais os pais sentiram-se culpados por sua decisão. (...) a brusca separação foi sentida e relatada como abandono, por parte das mães, com as crianças protestando com o choro, não se alimentando, adoecendo e apresentando comportamentos agressivos. (MARTINS et al, 2014, p.249)

O tempo de adaptação em creche não é algo certo, alguns autores falam em 1 mês e outros em até 6 meses para a total adaptação, Peixoto et al (2017) diz que o nível de bem-estar dos bebês é notoriamente maior na quarta semana de frequência na creche do que na primeira semana, e somente após a utilização de várias práticas de transição.

Estes resultados indicam que as crianças cujas educadoras relataram um maior número de práticas de transição

implementadas tendem a demonstrar maior bem-estar emocional ao longo do primeiro mês na creche. (PEIXOTO et al, 2017, p. 433)

Um conjunto de fatores pode levar a não adaptação, razões que podem ter surgido até mesmo durante a gestação, como o medo da separação, ou mesmo o ciúme de ver outras pessoas cuidando do filho(a). Conforme Martins et al:

Existe, obviamente, um conjunto de fatores, desde os mais explícitos aos mais subjetivos, que interagem na adaptação. Ademais, no presente estudo, a análise longitudinal permitiu verificar que a transição para a creche é influenciada por elementos presentes desde os primórdios da interação pais-bebê, e antes mesmo desta, na própria gestação. Assim, ressalta-se a relevância de ações anteriores ao ingresso na creche que promovam um acolhimento à situação de separação pais-bebê e que considerem um conjunto de fatores potencialmente importantes para a adaptação, entre eles os aspectos do desenvolvimento emocional do bebê no contexto familiar. (MARTINS et al, 2014, p.249)

A pesquisa de Abreu (2021) dispõe de alguns dados sobre amamentação no primeiro ano de crianças em isolamento, e mostra alguns fatores que podem ou não afetar suas capacidades motoras, o que pode ser um futuro fator de não-adaptação:

Para o domínio físico, o ambiente adequado da casa (espaço físico e o número de brinquedos para a motricidade grossa e fina) foi um facilitador, e o ambiente inadequado (menor índice do *HOME* e o piso da casa ser de barro) configurou-se como barreira para as capacidades motoras de lactentes de risco no primeiro ano de vida. Para o domínio atitudinal, o estresse parental foi visto como barreira para o índice psicomotor, e o tempo que o lactente era carregado no colo e o tempo de amamentação, apresentaram-se com resultados inconclusivos para as capacidades motoras. (ABREU, 2021, p. 44)

Algumas famílias chegam na escola com muitas dúvidas, receios, e até culpa por precisar voltar as suas rotinas de trabalho e deixar a criança naquele espaço, mesmo pesquisando e buscando o melhor lugar para confiar seus filhos; é nesse momento que a instituição de ensino deve acolher esses familiares e assegurar que o trabalho ali feito é sempre buscando o bem-estar da criança.

Por outro lado, Rapoport e Piccinini (2001), trazem que, apesar das creches no Brasil terem caráter assistencial-custodial, para populações de baixa renda, cada vez mais o número de creches aumenta em todos os níveis sociais, e mães que não trabalham fora de casa, buscam esses espaços como forma de socializar as crianças.

Após o período de maiores índices pandêmicos, as creches voltaram a todo vapor, recebendo algumas crianças que nunca tiveram relacionamentos fora do seu vínculo familiar costumeiro, apegadas a suas rotinas e cultura. Durante o estágio pude observar que, logo nos primeiros dias, essas crianças buscavam alguma pessoa como referência, como porto seguro, e dificilmente saíam de perto dela.

O referencial de um adulto, diferente daquele costumeiro, é importante na vida da criança, no Campo de Experiência “o eu, o outro e o nós”, para a Educação Infantil na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018), é defendido que:

É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. (BRASIL, 2018, p.40)

Diante disso, é importante refletirmos sobre esse período tão delicado de nossas crianças, e também das nossas como professores de Educação Infantil . Saber respeitar os limites de todos – bebê, família e colegas de trabalho – deve ser um exercício praticado diariamente; ter um maior diálogo com as famílias e tentar conhecer cada pequeno mundo que está adentrando as portas da escola, pode fazer toda diferença nas práticas pedagógicas de sala.

### **4.3 A escuta dos bebês na pesquisa**

Ao abordar o tema da escuta infantil, é de grande valor ressaltar que este trabalho reconhece a criança de acordo com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), e com as Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil - DCNEIs (BRASIL, 2010), respeitando os princípios éticos, políticos e estéticos das propostas pedagógicas de Educação Infantil , que têm como foco o trabalho da sensibilidade, criatividade e liberdade de expressão da criança, que é:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12)

As crianças muito pequenas vivenciaram um bom período de solidão, e quem sabe até mesmo o silêncio, durante o isolamento pandêmico; diante disso, a escuta dos bebês se tornou extremamente importante na pesquisa; observar seus métodos de interação com outras crianças e com os adultos, como se expressam e se fazem ouvidas. Segundo Camargo, escutar os bebês,

atentamente, na pesquisa, é valorizar suas escolhas e gostos, e a partir das suas falas, que nem sempre são verbais, construir suas histórias de descoberta do mundo. Camargo continua dizendo que, as observações e a escuta atenta podem revelar-se de diferentes maneiras:

**Formais** – Práticas de escuta atenta e observação em que se é estruturado e planejado um espaço, uma proposta para registrar sobre a experiência da criança naquele específico tempo, local.  
**Informais** - Práticas de escuta atenta e observação que emergem da espontaneidade da criança, independente do lugar, do material, da relação. (CAMARGO, 2019).

Ambas são de extrema importância, pois assim é possível traçar um perfil completo, ou o mais completo possível, da criança, a partir da observação de seu comportamento em cada espaço, se é uma criança mais expansiva e que gosta de enturmar todos ao seu redor, ou mais quietinha, que no seu canto cria, sozinha, um mundo inteiro.

Munhoz e Prado (2022) apresentam as vivências de uma nova professora de Educação Infantil que, apesar de trabalhar mais há de 20 anos em outros segmentos da Educação, quando se deparou com os bebês, sentiu necessidade de se reinventar, voltar a ser criança ou descobrir essas características em si, para que pudesse entender as ações das crianças: “a professora Lu aprende não só a construir um espaço educativo, como também torna a curiosidade dos bebês o ponto de partida para outras proposições pedagógicas” (MUNHOZ e PRADO, 2022, p. 141). Ao observar essa curiosidade, ao ouvir e entender, mesmo sem a criança estar falando, é possível criar uma maior interação com todos na sala, se aquela atividade agrada ou não, se fazer “meleca” é algo prazeroso ou causa repulsa, se a sujeira incomoda ou não.



**Figura 6:** “Isso gruda muito!” Fonte: Arquivo pessoal da autora

No estágio, ao introduzirmos novas texturas para as crianças chegando à creche, criamos uma atividade com potinhos cheios de farinha e água. Os bebês ficaram livres para conduzir a brincadeira do jeito que queriam, brincar com os elementos separados ou juntá-los. Em poucos minutos toda a farinha estava misturada na água e as mais diversas reações foram surgindo. As crianças que colocaram pouca água falaram que a mistura parecia massinha de modelar ou *slime*. Já as que utilizaram muita água tiveram reações diferenciadas, algumas mais tranquilas falaram que parecia o “creme que a mamãe passa no rosto”, já outras ao perceberem que suas misturas não estavam iguais à massinha de modelar, começaram a ficar agitadas e irritadas, chutando os potes para longe. Um bebê bateu as mãozinhas com força no pote, fazendo espalhar a mistura na roupa e causando choro e a exigência de tomar banho imediatamente, pedindo para as professoras lavar suas roupas pois estavam sujas e a mamãe não ia gostar.

A par disso tudo, tínhamos uma criança que nem começou a brincar, pois não queria se sujar de jeito nenhum, mesmo que uma colher fosse ofertada para mexer, esse bebê não queria chegar nem perto dos amigos.

Essa vivência me levou a refletir sobre o que consta das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – DCNEIs (BRASIL, 2010) de que todo o planejamento escolar deve ser centrado na criança, ali deve ser um lugar seguro para serem quem são: sujeitos históricos que produzem cultura, se relacionam e fazem “bagunça”. Com isso se faz necessário

dar destaque a seus direitos estabelecidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que declara:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.  
Parágrafo único. Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem. (BRASIL,1990)

No Artigo 2º, o Estatuto da Criança e do Adolescente compreende como criança qualquer pessoa até 12 anos incompletos. O presente trabalho tem como foco crianças da etapa da Educação Infantil , 0 a 5 anos de idade, mais especificamente crianças nascidas em 2020, no período pandêmico (COVID-19), que possuem por volta de 2 anos, alguns com 3 anos de idade recém completos.

Com a Constituição Federal de 1988, o direito à educação é garantido para crianças de 0 a 3 anos nas creches; com isso, aquele papel de assistencialismo que a creche fornecia às famílias é somado ao papel de educadora, reforçado pela a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 9.394/96, que instituiu a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica. No artigo 29, Seção II, é estabelecido que a finalidade desta etapa é o desenvolvimento integral da criança até 5 anos, abrangendo os aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade, deixando claro o direito educacional além do assistencial.

Com o retorno das aulas durante a pandemia, algumas orientações foram passadas para ajudar professores(as) e gestores(as) neste momento de incertezas, dentre eles os Direitos humanos fundamentais da criança que devem ser respeitados na retomada da frequência a escolas e creches:

- a) Direito à cuidados para a preservação da saúde e proteção contra a infecção pelo Coronavírus;
- b) Direito a um período de acolhimento e adaptação que lhe permita expressar seus sentimentos (angústias, medos, preocupações, alegrias) e suas reações a essa experiência de uma nova rotina;

- c) Direito a se sentir apoiada com a aceitação de possíveis mudanças observadas em seus comportamentos, habilidades e conhecimentos;
  - d) Direito a ser tratada com afeto, compreensão e consideração especiais, levando-se em conta possíveis dificuldades enfrentadas em seu ambiente familiar no período de isolamento social;
  - e) Direito a não ser submetida a situações que causem constrangimento, insegurança, intimidação ou cerceamento de movimentos que sejam inadequadas para suas características etárias de desenvolvimento;
  - f) Direito a um ambiente educativo que lhe permita explorar, participar, brincar, expressar, conviver e conhecer-se;
  - g) Direito a frequentar as instituições educativas, de ser apoiada e acolhida nelas, sem discriminação, no caso da própria criança ou algum membro de suas famílias ter sido vítima da Covid-19.
- (BRASIL, 2020, p. 2-3)

Durante o estágio, os bebês nascidos na pandemia que estava observando naquela creche, de modo específico e diferente de outros, não estavam sabendo lidar muito bem com aquilo que entendem por “sujeira”, isto significando os momentos de brincar com tinta, meleca, água, terra. Por exemplo: molhar a roupa na pia do banheiro era fonte de grande incomodo e motivo para tomar banho e trocar as roupas; nas atividades que envolviam “fazer sujeira” com as mãos, se recusavam a participar, a não ser que possuíssem uma colher ou objeto para mexer sem que tivesse contato com a meleca/terra/tinta e, mesmo assim, em poucos instantes pediam para lavar as mãos. Na hora do lanche, só se sentavam na cadeira depois de vê-la sendo limpa com um paninho. Se sujassem as roupas, sentiam imediata necessidade de se trocar e sempre que viam os dispositivos de álcool em gel, pediam para passar nas mãos.

Diante desse novo cenário temos reflexões docentes a fazer, decisões para serem tomadas e caminhos criativos a serem trilhados, nos quais possamos apresentar essas novas experiências e texturas para as crianças que não as conheceram antes, mas também temos que respeitar seu tempo e vontades, dentro dos limites seguros e adequados para suas idades, no contexto de uma instituição coletiva e social. O que seriam esses limites? É o limite da liberdade, de nunca obrigar uma criança a participar de uma ação que ela não quer. Fazemos o convite, tentamos descobrir e compreender os motivos da recusa e oferecer alternativas; às vezes ela somente não quer, outras vezes podem ter motivos diversos, como casos que vivi.



**Figura 7:** “*Fiz um bolo com a colher!*”. Fala de um bebê que não queria encostar na terra para não se sujar. Fonte: Arquivo pessoal da autora

A figura 8 mostra uma ação que foi pensada para que os bebês brincassem com argila e tinta. Nesta ação, chamou atenção o fato de as crianças não quererem colocar as mãos nas tintas. A primeira vez que a criança se recusou a participar da atividade ela somente pediu para ficar no colo, então acolhemos e demos continuidade; no dia seguinte ela trouxe de casa um brinquedo, uma boneca brilhante com luzes, e dessa vez não quis participar do momento da roda, ficando ao lado da mochila segurando a boneca.

No terceiro dia, trouxe outro brinquedo, e todos os amigos que tentavam se aproximar para brincar também, a criança reagia de forma agressiva, chutando e mordendo os colegas, então a professora pediu que ela guardasse o brinquedo, e somente pegasse ele na hora de ir embora, o que resultou numa reação de ataque, pois a criança bateu na professora e precisou se retirar da sala com a auxiliar para que pudesse beber água e se acalmar. A professora fez um combinado de somente trazer brinquedo nos dias de brinquedo, pois daí os colegas iam ter brinquedos para brincar também, e a menina concordou. Como a escola que estava estagiando tem o costume do “dia do brinquedo”, uma prática adultocêntrica, foi possível observar em algumas situações o uso desse dia como forma de negociação.

No dia seguinte outro brinquedo, a professora conversou com a mãe para tentar deixar no carro, porém ela optou por deixar com a criança por causa do choro; ao chegar na sala a professora lembrou o combinado do dia dos brinquedos e guardou o objeto no armário; durante o dia a criança participou das atividades e somente no fim do dia voltou a perguntar do brinquedo, então devolvemos e pedimos para guardar na mochila.

Diante dessa situação, percebi que a professora precisou intervir na escolha da criança, pois a escolha de uma criança, mudou toda dinâmica da sala, e causou até mesmo machucados

em alguns colegas; quando ela estava com os brinquedos de casa, uma situação que poderia ser tratada de uma maneira menos rígida, não participava de mais nada, e depois de muita conversa e combinados, com a família também, conseguiram que ela participasse novamente das atividades propostas.



**Figura 8:** Pintura de argila com pincel. Quando bebês não queriam pintar com os dedos para não sujar as mãos. Fonte: Arquivo pessoal da autora

Em meio à sua pesquisa acerca da qualidade da nossa Educação Infantil, Bezerra (2020) apresenta a “Campanha Nacional pelo Direito à Educação e o Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil (Mieib)”, onde foi feita uma Consulta sobre a qualidade da Educação Infantil, e parte da pesquisa foi feito com as crianças, ouvindo o seu lado, através de uma história, 254 crianças foram ouvidas sobre “o que uma pré-escola precisa, ou não, para ser legal?” Perguntaram também “por que as pessoas grandes acharam que precisava ter uma pré-escola para crianças?” Algumas respostas vieram através de desenhos de como seria uma pré-escola bem legal. Os frutos dessa Consulta foi um marco em relação as pesquisas e projetos relacionados a crianças (BEZARRA, 2020), pois não há maneira melhor de saber o que uma criança quer, do que perguntando sobre o que lhe diz respeito.

Uma escuta sensível é saber os momentos certos para intervir e dar suporte, durante a pandemia o maior contato era feito com os familiares, e pouco se sabia das crianças, quando elas chegam no presencial, é necessário estar atento aos gestos e sinais dados pelos bebês, por exemplo, durante alguns dias, Pedro sempre chorava para ir embora, o avô que buscava, se

recusava e sair da escola com ele e pedia pela mãe e no final sempre ia embora “forçado” com o avô. Começamos a ficar preocupados com a situação, imaginando várias hipóteses e cenários de perigo com aquela criança, até que um dia a professora presenciou a chegada de Pedro na escola, onde a mãe deixava ele no portão com a promessa de ir buscar ele no fim da tarde, algo que não acontecia, por isso sempre que o avô chegava, ele chorava, pois estava esperando a mãe ir busca-lo. Após conversarmos com a família, a mãe começou a avisar que quem viria buscar seria o vovô, e depois em casa eles se encontrariam, e assim a situação foi normalizada.

Felizmente este caso era algo simples de ser solucionado, porém não podemos esquecer o papel social que a escola atua na rede de proteção à criança, escutar atentamente os bebês, é prezar por sua segurança e bem-estar.

Escutar com sensibilidade é também saber a hora de intervir, de dar suporte e ferramentas ou de apenas estar lá. Em tempos de pandemia, a rede social e protetiva em torno da criança e da família encolhe, as pessoas e instituições estão menos presentes fisicamente e a importância daqueles que têm acesso à família se acentua, tornando a escuta sensível um compromisso ainda mais fundamental a ser realizado pela escola, que traz consigo a possibilidade de dar alívio, de dar ferramentas e de articular sistemas de garantias de direitos e proteção social das crianças. (ANTUNES et al, 2021, p. 7)

A pandemia do COVID-19 veio para mudar tudo o que já sabíamos, ou pensávamos saber sobre nossa docência. Nossas práticas pedagógicas e planejamentos são postos à prova diariamente, e isso é algo muito bom, pois mesmo sabendo que cada turma é individual, às vezes caímos numa rotina e fazíamos as mesmas coisas com todos. Agora nem sempre isso funciona; somos levados a repensar estratégias e como apresentar esse mundo grande e assustador, mas tão bonito para esses bebês que ficaram tanto tempo dentro de suas casas, de uma maneira leve, descontraída, valorizando seus saberes e construções prévias.

## 5. CAPÍTULO IV. Análise dos dados.

Neste trecho do trabalho é apresentada a análise das respostas das professoras de Educação Infantil ao questionário. Lembrando que os nomes citados neste trabalho, tanto de crianças como de professoras, são fictícios, por motivos éticos, visando à proteção da intimidade de cada pessoa participante da pesquisa.

O formulário, feito através do Google *Forms*, consta com 13 (treze) perguntas, sendo 3 (três) de caráter pessoal, e 10 (dez) de caráter profissional. As perguntas tinham como intuito descobrir se essas professoras tiveram algum preparo para trabalhar no acolhimento e adaptação dos bebês em creche, se elas tinham crianças que nasceram durante a pandemia em sala de aula e se havia diferenças dessas crianças para as dos anos anteriores. Por ser um formulário online, as professoras tinham liberdade para responder em relação ao local e horário, o que influencia diretamente na profundidade das respostas, sendo algumas mais completas que outras. Segue listada as perguntas elaboradas pela autora junto da Professora Dr<sup>a</sup>. Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi:

**TABELA 4: PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO**

|   |
|---|
| Nome completo   |
| Idade   |
| Autodeclaração de raça  |
| Qual é a sua formação para ser professora?  |
| Há quanto tempo você leciona? Em quais etapas da educação já trabalhou?   |
| Em qual segmento da Educação Infantil você dá aula atualmente?  |
| Durante sua formação (inicial ou continuada) você teve preparo específico para trabalhar no processo de adaptação de bebês e crianças pequenas? |
| Você tem algum bebê nascido durante à pandemia frequentando sua turma atualmente? Quantos?  |
| Você percebeu características específicas no (s) bebê (s) nascido (s) durante a pandemia? Em caso afirmativo, quais são?                        |
| Como foi (ou está sendo) a adaptação desse (s) bebê (s)?  |
| Houve diferenças entre a adaptação desse (s) bebê (s) nascido (s) durante a pandemia e de outros que você já tenha adaptado?                    |
| Como foi (ou está sendo) essa adaptação para as famílias?   |
| Gostaria de compartilhar mais alguma coisa sobre este tema?   |

As professoras, uma branca e outra parda, com idades entre 26 e 55 anos, são formadas em Pedagogia e atuam na área há aproximadamente 12 anos, trabalhando atualmente com crianças de 2 e 3 anos.

Durante os anos de trabalho, Monica diz ter recebido treinamento específico para adaptação, mas Manuela diz ter feito um estudo sobre o acolher, não especificamente para adaptação de bebês, dizendo que o acolhimento é um processo contínuo baseado em cada realidade e contexto das crianças. Peixoto (2017) mostra em sua pesquisa que a variedade das práticas de transição está relacionada com o bem-estar emocional dos bebês nas primeiras semanas na creche.

Adicionalmente, os resultados do presente estudo indicaram que o número de práticas de transição implementadas constitui uma variável de particular interesse para compreender a adaptação do bebê à creche. Especificamente, o número de práticas de transição reportadas pelas educadoras parece contribuir positivamente, ainda que de uma forma modesta, para o bem-estar emocional dos bebês durante o primeiro mês de frequência da creche. (PEIXOTO et al, 2017, p. 433)

Em relação aos bebês nascidos durante a pandemia de COVID-19, Monica diz ter 8 crianças em sua turma e notou que são crianças mais fechadas, com pouca experiência de socialização. Seu período de adaptação está sendo mais longo, porém tranquilo. A professora afirma ter sentido diferenças entre a adaptação desses bebês com outros que ela já havia adaptado anteriormente, mas não deu maiores detalhes sobre o assunto; já com as famílias, ela sente que eles ainda estão receosos em confiar nos adultos responsáveis por seus filhos.

A professora Manuela tem 4 bebês nascidos durante a pandemia e ela adiciona que eles viviam em um contexto mais isolado, resultando em características específicas do tipo:

*“Estranhamento ao toque, pouco contato visual, fala pouco desenvolvida, se frustram com maior facilidade e pouca autonomia.”*

Fala pouco desenvolvida ou “atrasada” deve nos levar a fazer reflexões um pouco mais profundas, considerando que no isolamento, esses bebês talvez não tivessem meios, ou não fossem incentivados, a se expressarem verbalmente de maneira mais livre. Dos Santos e Cardoso (2021) nos leva a pensar na criança, no tempo dela, ela não está atrasada em nada, são seus primeiros anos, que coincidiram com uma pandemia.

(...) o possível “atraso” das crianças. Atrasar para quê? O mundo está parado, pessoas queridas estão morrendo. E pensando a educação infantil como primeira etapa da educação básica, temos ainda que mesmo sendo obrigatória, ela não é requisito para os primeiros anos do ensino fundamental. É o tempo presente. É o

tempo das crianças e da infância, que no momento coincide com o tempo da pandemia. (DOS SANTOS e CARDOSO, 2021, p. 8)

Em relação à adaptação, Manuela diz ter sido um período tranquilo e com muito respeito, mas diz que percebeu dois extremos:

*“Percebi dois extremos, crianças que se encantaram desde os primeiros dias com os novos espaços, movimentação e o coletivo, enquanto outras se acalentavam no colo, próximo aos adultos que lhe eram referência do que viveram em pandemia e da segurança em estar na sala com um menor grupo. Atualmente o grupo já se sente pertencente e participam ativamente de todas propostas, aos poucos sinto que vão se reconhecendo e se sentindo acolhidos neste novo espaço. ”*

A Pedagoga também diz que o período de adaptação foi mais longo em relação à anteriores, e ela relaciona isso as rotinas e a forte dependência que foi construída durante a pandemia, que o isolamento propiciou um vínculo familiar baseado nas características individuais de cada um, e quando essas crianças chegaram na escola, um local coletivo, com diversos contextos, houve um grande estranhamento gerando adaptações mais longas. Com as famílias, Manuela também sentiu uma divisão, viu famílias ansiosas para participar e adentrar os espaços da escola e tudo que ela oferecia, e famílias que sentiam muita falta de ficar com a criança em período integral.

A insegurança por parte das famílias é algo comum na fase de adaptação, porém o acolhimento oferecido faz toda a diferença na permanência dessa família na escola, pois quando um bebê adentra a creche, sua família vem junto também, é um trabalho coletivo. Rapoport e Piccinini (2001) diz que a maneira que a família vê a entrada do filho na creche influencia as ações seguintes dessa criança em sua adaptação, se tem apoio ou não, se a mãe sofre na entrada, se confia nos professores.

A forma como a família, principalmente a mãe, vê a entrada do filho na creche influencia as reações da criança durante o período de adaptação (Balaban, 1988b; Rossetti-Ferreira & Amorim, 1996). As mães podem experimentar sentimentos ambivalentes, conscientes ou inconscientes, sobre deixar suas crianças aos cuidados de outras pessoas (McMahon, 1994). Além disso, Castoldi (1997) encontrou que crianças com boa adaptação vinham de famílias nucleares, mantinham vínculo de proximidade com a família de origem e seus pais traziam expectativas positivas em relação a elas na escola. Nos casos de adaptação difícil, várias crianças eram de famílias uniparentais, com ausência paterna, recebiam pouco apoio de suas mães e as mães não tinham apoio da família de origem. (RAPOPORT e PICCININI, 2001, p. 76)

A professora Manuela afirmou que as famílias foram acolhidas, ouvidas e receberam palavras de conforto. Ela percebeu que, apesar das inseguranças, as famílias tinham a certeza de que essa experiência era necessária na vida de seus filhos e filhas, e que nenhum outro lugar proporcionaria vivências tão ricas no crescimento deles. Nas palavras de Manuela:

*“Vejo que o período de adaptação foi mais longo que de anos anteriores, pois houve o estranhamento desta nova situação, permeada pelo apego, a rotina e dependência que a pandemia propiciou. Vejo como a pandemia fortaleceu características e contextos de cada família, modo de agir, de conduzir situações, e acredito que este foi um dos fatores para as adaptações mais longas, afinal, se emergiram em um espaço coletivo, onde se depararam com diversos contextos”.*

Um ponto em comum às falas das professoras de Monica e Manuela é dizerem que as crianças nascidas durante a pandemia são mais fechadas, pouco sociais, gostam de ficar somente com o adulto de referência e evitam muito o contato físico. Pensam que estes sejam reflexos da vivência em um ambiente onde a maior política de segurança era justamente evitar o contato com pessoas de fora do seu convívio, viver seu primeiro ano de vida ouvindo que só pode abraçar e tocar certas pessoas e dependendo de quão bem estruturadas essas regras familiares tenham sido, elas vão refletir na escola.

Outro ponto citado no questionário e que pude observar também bastante durante o estágio, foi a grande facilidade dessas crianças em se frustrarem. A frustração é o que sentimos quando algo que esperávamos ou queríamos, não acontece; e quando estamos em um espaço coletivo, nem sempre o que queremos vai acontecer, pois existe uma rotina e outras pessoas naquele espaço. Pudemos observar que quando o bebê viveu muito tempo sozinho, talvez recebendo tudo o que queria ou, ao contrário, no momento em que esse ciclo é interrompido na creche, a situação se torna extremamente frustrante.

A escola tinha o costume de fazer a recepção das crianças, em uma espécie de cozinha com um mini mercadinho, com várias frutinhas, panelas, armários, que era o primeiro local que elas se deparavam ao adentrar o local... nas semanas de adaptação, pensaram que esse era um ótimo local para acalmar as crianças, conversar com os pais e ir direcionando eles para as salas, porém depois de um tempo, notaram que algumas crianças estavam “fugindo” da sala para ir nessa cozinha, e quando explicavam que não era o momento de ficar ali, começavam a jogar as coisas no chão e a gritar.

Observando a conversa das professoras, elas decidiram, sem conversar com as crianças ou tentar entender o motivo delas gostarem daquele ambiente, que ali não era um bom local

para fazer a recepção, mas sim a própria sala, pois eles entenderiam qual era o espaço de acolhimento e qual os de lazer. Porém pude observar outras situações, por exemplo, durante a aula de educação física, o menino queria ficar na área dos livros, isolado do resto da turma, quando a auxiliar falou que não era hora dos livros, o menino se jogou no chão e começou a chorar.

Tudo é sentido de maneira ampliada, como se o *não* fosse uma sentença e o *sim* uma liberação eterna para fazer o que quiser, não existem meios termos, igualmente com os adultos que nem sempre estão dispostos a negociarem. Quando estamos separados de alguém, também não existe meio termo, ou está junto ou separado, então o bebê vai buscar meios de suprir a falta que está sentindo da família.

Crucial na vida do ser humano, independente da idade, a separação traz consigo o desenlace de alguém e a permanência sem este alguém. Comumente, adultos procuram ajuda terapêutica para aceitar a perda. Para o bebê, separar-se dos pais, mesmo que temporariamente, pode ter a mesma dimensão. “Crianças de tenra idade ficam transtornadas, mesmo diante de breves separações. Crianças um pouco maiores ficam transtornadas, quando enfrentam separações mais longas. Adultos ficam transtornados, quando a separação é prolongada ou permanente, como no caso da morte” (BOWLBY, 1998<sup>a</sup>, p. 33). (PANTALENA, 2010, p. 23)

Separações sempre irão causar sentimentos diversos, ainda mais quando essas pessoas ficavam 24 horas por dia juntas, em um contexto de isolamento; cabe a nós continuar acolhendo essas famílias com seus bebês, apresentando a eles experiências coletivas, com muita paciência e carinho, mostrar um mundo social e inseri-los nessa sociedade.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término das leituras para realização deste trabalho, das vivências de estágio, por meio dos diálogos com outras professoras de bebês e do questionário construído para a pesquisa, apresentam-se nas Considerações Finais os aspectos de maior relevância na retomada da questão-problema: “Como está sendo a chegada à creche de bebês nascidos durante à pandemia de COVID-19? ”,

Antes de tudo, constatamos que os bebês são sujeitos históricos, sociais, constroem cultura e possuem direitos na sociedade, sendo responsabilidade de todas as pessoas de sua comunidade respeitar os bebês e garantir seus direitos, assim como estabelecido por lei.

A pandemia do COVID-19 ainda está muito recente em nossos pensamentos e rotinas. Os casos ainda não foram zerados, talvez nunca sejam, e ainda sofremos com constantes picos de contaminação, porém durante os anos de existência da nossa espécie aprendemos a ser resilientes e nos adaptarmos as mais diversas situações e cenários.

Com o retorno das aulas e a reabertura das creches, bebês que estavam vivendo somente com seus familiares, adentram um novo mundo social e se deparam com novos desafios, novas pessoas, regras e rotinas, e a separação de seus pais, causando um emaranhado de sentimentos confusos e frustrantes. Um bom acolhimento é feito com conhecimentos prévios de cada bebê, e isso ocorre através do diálogo com as famílias e observando atentamente cada bebê, através da escuta sensível. Deve ser feito com calma, utilizando práticas de transição variadas, assim, este período se torna mais leve e menos traumatizante.

Através das experiências de estágio e os relatos das professoras Monica e Manuela (nomes fictícios), que contaram suas experiências vividas com os bebês nascidos durante a pandemia, pudemos verificar que, no caso dos bebês desta creche, com os quais as duas professoras entrevistadas atuam, estão aparecendo diferenças nos comportamentos e, por consequência, diferenças nos seus processos de adaptação à escola de infância, em relação a bebês que passaram pela adaptação em anos anteriores à pandemia. Foram observadas nesta amostragem características tais como: estranhamento ao toque, pouco contato visual, medo de se sujar, fala verbal menos desenvolvida, maior facilidade em se frustrarem e pouca autonomia.

Ressaltamos também que pouco foi descoberto devido ao fato de ser um tema muito recente, e pouco estudado; os resultados foram obtidos principalmente por meio da

observação e experiências de estágio pessoais da autora e da vivência de duas professoras de Educação Infantil que foram escutadas em relação a um grupo muito específico de bebês, o que pode não se refletir em outras escolas.

Cada criança é única e merece ser escutada de forma atenta e sensível. Conforme esses bebês que nasceram durante a pandemia forem crescendo e avançando nas fases escolares posteriores (Ensino Fundamental I, II e Ensino Médio) devem continuar a ser olhadas com atenção e carinho especial a respeito de tudo isso que passaram na pandemia, que foi tão intenso. Desta forma, também poderá ser possível que surjam respostas mais amplas para a questão aqui levantada.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, M. S. R.; VITORIA, T.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. Rede de significações: perspectiva para análise da inserção de bebês na creche. **Cadernos de Pesquisa**, nº 109, março/2000, p.115 – 144.

ANTUNES, J. A.; SCHMITT DA SILVA PIRES, C.; WEBER, K. **Espaços e encontros de escuta sensível e acolhida das crianças e suas famílias em tempo de excepcionalidade/pandemia na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarela – UEIIA**. Olha de Professor, v. 24, p. 1-8, 2021. Acesso em: 15 novembro de 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/16123>>.

BEZERRA, Maytê Gouvêa Coletto. **A qualidade da Educação Infantil na concepção de suas crianças**: investigando possibilidades de escuta. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. doi:10.11606/T.48.2020.tde-30112020-193802. Acesso em: 01 de fevereiro de 2023.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)>. Acesso em: 10 de março 2023.

BRASIL. Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>>. Acesso em: 21 de março de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a Educação Infantil . Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares\\_2012.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf)>. Acesso em: 11 de março de 2023.

BRASIL. Parecer CNE/CEB Nº: 20/2009. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. 2009. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb020\\_09.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb020_09.pdf)>. Acesso em: 10 de abril de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em: 10 de março de 2023.

BRASIL. Para um retorno à escola e à creche que respeite os direitos fundamentais de crianças, famílias e educadores. 2020. Acesso em: 23 novembro 2022. Disponível em: < [https://www.anped.org.br/sites/default/files/images/para\\_um\\_retorno\\_a\\_escola\\_e\\_a\\_creche-2.pdf](https://www.anped.org.br/sites/default/files/images/para_um_retorno_a_escola_e_a_creche-2.pdf)>.

CAMARGO, Gabrielle Augusta Silva de. **Documentação pedagógica enquanto um exercício de sensibilização**: do protagonismo das crianças ao olhar atento do educador. Repositório Institucional UFSCar [online], TCC, 2019. Acesso em: 15 de novembro de 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13896>>.

COUTINHO, Angela Scalabrin; CÔCO, Valdete. Educação Infantil, políticas governamentais e mobilizações em tempos de pandemia. **Praxis educativa**, v. 15, 2020.

DOS SANTOS, Maria Walburga; CARDOSO, Marilete Calegari. Educação e infância: Pandemia, tecnologias e o distanciamento das crianças: Education and childhood: Pandemic, technologies and children's distance. *Revista Cocar*, n. 9, 2021.

LIMA, Cássio de Almeida et al. **Adesão ao isolamento social na pandemia de Covid-19 entre professores da educação básica de Minas Gerais, Brasil**. *Saúde em Debate* [online]. 2022, v. 46, n. spe1; pp. 181-193. Acesso em: 14 setembro 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-11042022E112> <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E112I>>. Epub 11 Abr 2022. ISSN 2358-2898. <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E112>.

MARTINS, Gabriela Dal Forno et al. **Fatores associados à não adaptação do bebê na creche: da gestação ao ingresso na instituição**. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* [online]. 2014, v. 30, n. 3, pp. 241-250. Acesso em: 10 novembro 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000300001>>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOURA, Jennifer Santos de. **Múltiplas infâncias e a linguagem corporal de bebês**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2021.

MUNHOZ, Lucianna Magri de Melo; PRADO, Guilherme do Val Toledo. **Pedagogia Freinet e o trabalho com bebês: desafios e possibilidades**. *Cadernos CEDES*, Campinas, v.42, n. 117, p.133-139, Maio-Ago., 2022. Acesso em: 01 de fevereiro de 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/8CPrpYdbT6MyytpWqBV9qGB/?format=pdf&lang=pt>>.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **No novelo da memória, atravessamentos do sensível: tornar-se**. *Revista Digital do LAV – Santa Maria* – vol. 11, n. 2, p. 166 – 191 – mai./ago. 2018. ISSN 1983 – 7348 <http://dx.doi.org/10.5902/1983734833904>

PANTALENA, Eliane Sukerth. **O ingresso da criança na creche e os vínculos iniciais**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/D.48.2010.tde-23062010-115822. Acesso em: 14 maio 2022.

PEIXOTO, Carla et al. **Transição para a creche e bem-estar emocional dos bebês em Portugal**. *Psicologia Escolar e Educacional* [online]. 2017, v. 21, n. 3, pp. 427-436. Acesso em: 10 novembro 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-35392017021311168>>.

PREVITALI, Fabiane Santana e FAGIANI, Cílon César. Trabalho docente na educação básica no Brasil sob indústria 4.0. **Revista Katálisis** [online]. 2022, v. 25, n. 1; pp. 156-165. Acesso em: 14 setembro 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-0259.2022.e82504>>. Epub 10 Jan 2022. ISSN 1982-0259. <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2022.e82504>.

RAPOPORT, Andrea; PICCININI, Cesar Augusto. **O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos**. *Psicologia: Reflexão e Crítica* [online].

2001, v. 14, n. 1, pp. 81-95. Acesso em: 10 novembro 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-79722001000100007>>.

SENADO FEDERAL. **Impactos da pandemia na educação no Brasil**. Instituto DataSenado. Paraná. 2021. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/impactos-da-pandemia-na-educacao-no-brasil>>. Acesso em: 03 de março de 2023

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2014.

SIMAS, Vanessa França; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Narrativas de uma professora de bebês: a busca por réplicas das infâncias em tempos pandêmicos. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso** [online]. 2021, v. 16, n. 04, pp. 53-71. Acesso em: 11 novembro 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2176-457351660>>.

**APÊNDICE**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS *CAMPUS* SOROCABA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu \_\_\_\_\_,  
R.G. \_\_\_\_\_, professora, autorizo a utilização das minhas respostas escritas no questionário para realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) denominado “A chegada de bebês nascidos durante à pandemia de COVID-19 à creche”, da estudante Thainá Apolinário Pinto, orientada pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lucia Maria S. S. Lombardi, do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba. Estou ciente de que não serão divulgados meu nome, local de trabalho, localidade, ou nenhuma informação que possa revelar minha identidade ou de pessoas envolvidas na escola.

Sorocaba, 08 de março de 2023.

---

Assinatura / Data